



Para além da massa salarial homogênea: uma proposta de integração entre macroeconomia neokaleckiana e a interseccionalidade de raça e gênero¹

Resumo: Este artigo propõe uma expansão teórica do modelo de crescimento neo kaleckiano de Bhaduri e Marglin, incorporando a natureza dual da desigualdade estrutural na América Latina. A macroeconomia heterodoxa contemporânea tem avançado na discussão sobre regimes de crescimento liderados por salários (*wage-led*) ou lucros (*profit-led*), contudo, frequentemente assume a massa salarial como um bloco homogêneo. Argumenta-se que, em economias periféricas, a fragmentação do mercado de trabalho, atravessada por clivagens de raça e gênero, não é um resíduo, mas uma funcionalidade do regime de acumulação. Através de uma síntese teórica que articula as contribuições de Thomas Palley sobre a dispersão salarial interna e as categorias críticas de Lélia Gonzalez sobre a divisão racial do trabalho, o trabalho defende que a "compressão salarial" nos estratos subalternizados atua como um mecanismo de sustentação de lucros que não necessariamente se traduzem em investimento produtivo. A proposta visa oferecer um arcabouço metodológico híbrido para compreender como a desigualdade interseccional molda o dinamismo econômico e a restrição de demanda em países latino-americanos.

Palavras-chave: Regimes de Crescimento; Neo Kaleckianos; Interseccionalidade; América Latina; Lélia Gonzalez.

Código JEL: B52, E11, E12

Área Temática: 9. Teorias e Metodologias de Estudo em Inovação e Indústria **Subárea:** 9.5 Modelos Híbridos (Evolucionários, Pós-Keynesianos, Kaleckianos)

Beyond the homogeneous wage bill: a proposal for integrating neo-Kaleckian macroeconomics with the intersectionality of race and gender.

Abstract: This paper proposes a theoretical expansion of the Bhaduri and Marglin neo-Kaleckian growth model, incorporating the dual nature of structural inequality in Latin America. Contemporary heterodox macroeconomics has advanced in the discussion of growth regimes led by wages (*wage-led*) or profits (*profit-led*); however, it often assumes the wage mass as a homogeneous block. It is argued that, in peripheral economies, labor market fragmentation, intersected by race and gender cleavages, is

¹ Iago Sousa Chaves Soares, Universidade de São Paulo, iagochaves@usp.br

not a residue but a functionality of the accumulation regime. Through a theoretical synthesis that articulates Thomas Palley's contributions on internal wage dispersion and Lélia Gonzalez's critical categories on the racial division of labor, the work argues that "wage compression" in subalternized strata acts as a mechanism for sustaining profits that do not necessarily translate into productive investment. The proposal aims to offer a hybrid methodological framework to understand how intersectional inequality shapes economic dynamism and demand constraints in Latin American countries.

Keywords: Growth Regimes; Neo-Kaleckians; Intersectionality; Latin America; Lélia Gonzalez.

1. INTRODUÇÃO

A trajetória da economia política na América Latina não se caracteriza por uma dificuldade conjuntural de converter ciclos de crescimento em desenvolvimento social e adensamento produtivo. Conforme a tese furtadiana, o subdesenvolvimento constitui uma estrutura autônoma e um processo histórico específico, e não uma etapa prévia ao desenvolvimento (FURTADO, 1961). Sob essa ótica, a manutenção de estruturas sociais arcaicas e a compressão do bem-estar social funcionam como pilares de uma inserção periférica funcional às necessidades de acumulação das economias centrais. No centro deste debate, a literatura heterodoxa de matriz neo kaleckiana identifica uma dicotomia analítica entre regimes de crescimento: o regime liderado pelos salários (*wage-led*), no qual a demanda agregada é impulsionada pelo consumo das famílias e pela parcela salarial na renda, e o regime liderado pelos lucros (*profit-led*), movido pela rentabilidade do capital e pela competitividade baseada na redução de custos laborais.

Contudo, a aplicação desses modelos ao contexto latino-americano revela uma lacuna teórica: a hipótese de uma massa salarial homogênea. Na periferia do capitalismo, a distribuição funcional da renda não se esgota no conflito entre capital e trabalho; ela é fragmentada por clivagens estruturais de raça e gênero que relegam setores majoritários da população à informalidade e à superexploração. Essa fragmentação não é um fenômeno residual, mas um elemento organizador da divisão racial do trabalho, categoria que Gonzalez (1982) posiciona como central para compreender a dinâmica das formações sociais latino-americanas.

O objetivo deste artigo é propor uma integração teórica entre o modelo de regimes de crescimento e o conceito de interseccionalidade. Parte-se da premissa de que a desigualdade de raça e gênero constitui um determinante macroeconômico endógeno que altera as propensões marginais a consumir e a investir, moldando o caráter do regime de acumulação. Ao articular as contribuições de Gonzalez (1984) com os modelos de distribuição interna de salários de Palley (2014, 2017), o trabalho busca demonstrar que a manutenção de uma base salarial deprimida para negros e mulheres funciona como uma "âncora de lucros". Tal mecanismo desestimula o progresso técnico, uma vez que a disponibilidade de mão de obra superexplorada reduz o incentivo ao investimento em capital fixo, perpetuando o que a literatura denomina competitividade espúria (FAJNZYLBBER, 1990).

A investigação justifica-se pela necessidade de fornecer ferramentas à macroeconomia heterodoxa para a compreensão da natureza dual da desigualdade na América Latina. Esta dualidade manifesta-se em um topo da massa salarial que mimetiza o padrão de consumo e acumulação rentista do capital, enquanto a base permanece sob o signo da precarização. Argumenta-se, ao final, que a compreensão da dinâmica do subdesenvolvimento e a possibilidade de regimes de crescimento mais estáveis dependem da análise das hierarquias de raça e gênero que estabilizam o equilíbrio de baixo dinamismo tecnológico na região.

2. REGIMES DE CRESCIMENTO E A TRADIÇÃO KALECKIANA: FUNDAMENTOS E CONTRADIÇÕES

A divergência acerca da natureza do regime de crescimento, se impulsionado pelos salários (*wage-led*) ou pelos lucros (*profit-led*), constitui um dos pilares mais dinâmicos e controversos da macroeconomia heterodoxa contemporânea. No cerne dessa discussão, encontram-se as tradições kaleckiana e bhaduriana, cujos resultados empíricos e teóricos desafiam a ortodoxia neoclássica ao colocar a distribuição de renda como variável endógena ao processo de acumulação.

2.1. A Lógica da Demanda e a Distribuição Funcional da Renda

Na tradição kaleckiana, a determinação do produto é pautada pelo princípio da demanda efetiva. A premissa fundamental reside na diferenciação das propensões marginais a consumir: assume-se que a propensão a poupar a partir dos salários (s_w) é nula ou significativamente menor do que a propensão a poupar a partir dos lucros (s_p). Sob essa ótica, uma elevação na parcela salarial (Ω) gera um efeito expansivo imediato sobre o consumo agregado, uma vez que os trabalhadores tendem a gastar a totalidade de sua renda, enquanto os capitalistas retêm uma fração maior para acumulação financeira ou futura.

Segundo Lavoie (2017), a disputa metodológica entre diferentes linhagens heterodoxas não é meramente técnica, mas reflete visões distintas sobre como as decisões de investimento respondem a mudanças na rentabilidade. É necessário, portanto, diferenciar dois grupos principais que frequentemente apresentam conclusões antagônicas:

- Modelos de inspiração clássico-marxista (ou Goodwinianos): Enfatizam o papel do lucro como motor único do investimento. Para esta linhagem, qualquer aumento na parcela salarial reduz a taxa de lucro e, conseqüentemente, desestimula a acumulação de capital. Assim, o crescimento é inerentemente liderado pelo lucro (*profit-led*), e o conflito distributivo atua como um freio à expansão econômica.
- Síntese Neo Kaleckiana (Bhaduri e Marglin): Introduce uma dualidade fundamental que permite a coexistência de diferentes regimes a depender dos parâmetros estruturais de cada economia. Nesta abordagem, o investimento não responde apenas ao lucro corrente, mas também ao nível de utilização da capacidade produtiva e à demanda esperada.

2.2. O Modelo Bhaduri-Marglin: Wage-led vs. Profit-led

O avanço teórico de Bhaduri e Marglin (1990) reside na decomposição dos efeitos de uma variação na parcela salarial sobre os componentes da demanda agregada. Em um modelo de economia fechada (ou sem restrição externa imediata), o impacto total sobre o crescimento depende da sensibilidade de duas funções principais:

Efeito Consumo: Uma redistribuição em favor dos salários aumenta o consumo total devido à maior propensão a consumir dos trabalhadores. Este efeito é invariavelmente positivo para o crescimento, estimulando o caráter *wage-led* da demanda.

Efeito Investimento: Uma redução na parcela dos lucros pode desestimular o investimento se os empresários forem altamente sensíveis à taxa de lucro corrente em detrimento da utilização da capacidade. Se este efeito negativo sobre o investimento superar o ganho no consumo, a economia entra em um regime *profit-led*.

No contexto das economias periféricas, contudo, essa mecânica assume contornos específicos. Conforme argumenta Fajnzylber (1990), o crescimento baseado na compressão salarial não induz necessariamente ao progresso técnico, caracterizando o que o autor denomina "competitividade espúria". Pelo contrário, essa estratégia pode gerar um equilíbrio de baixo aprendizado tecnológico, onde a rentabilidade é garantida pela redução de custos laborais e pela exaustão da força de trabalho, e não pela inovação ou pelo aumento da produtividade sistêmica.

2.3. Crítica à Homogeneidade Laboral

Apesar da sofisticação analítica do modelo Bhaduri-Marglin, a literatura tradicional tende a tratar o "trabalho" (L) e o "salário" (w) como grandezas agregadas e indiferenciadas. Ao fazê-lo, ignora-se que a massa salarial é composta por estratos com comportamentos de consumo, inserção produtiva e poder de barganha radicalmente distintos.

Em países como o Brasil, a existência de um vasto exército industrial de reserva, estruturado historicamente por critérios raciais e de gênero, cria uma segmentação onde a "parcela salarial" oficial pode esconder a realidade da superexploração em setores informais. Esta lacuna analítica abre espaço para a integração de modelos de dispersão salarial interna, como os propostos por Palley (2014, 2017), que permitem investigar como a desigualdade dentro da classe trabalhadora afeta o regime macroeconômico. Tais modelos serão fundamentais na seção seguinte para fundamentar a natureza dual da desigualdade latino-americana a partir do diálogo com a obra de Gonzalez (2020).

3. FRAGMENTAÇÃO SALARIAL E A NATUREZA DUAL DA DESIGUALDADE: UMA SÍNTESE ENTRE PALLEY E GONZALEZ

Se o modelo de Bhaduri-Marglin oferece a estrutura macroeconômica, a análise da realidade latino-americana demanda uma microfundamentação sociopolítica que dê conta da heterogeneidade estrutural da região. Esta seção propõe que a desigualdade na periferia não é apenas um subproduto do baixo crescimento, mas uma funcionalidade do regime de acumulação, operando através de uma massa salarial profundamente fragmentada e hierarquizada.

3.1. A Dispersão Salarial Interna em Palley (2014, 2017)

A contribuição de Palley (2014, 2017) é essencial para superar a limitação dos modelos neo-kaleckianos tradicionais que tratam a parcela salarial (Ω) como um bloco monolítico. Palley (2017) argumenta que a massa salarial total é composta por uma distribuição interna de rendimentos que reflete diferentes níveis de poder de barganha e posições na estrutura produtiva. O autor introduz a distinção entre os salários da elite gerencial, os "administradores", e os salários da base produtiva, os "trabalhadores".

Em termos macroeconômicos, essa distinção altera a sensibilidade do regime de crescimento. Se o aumento da massa salarial se concentra no topo da pirâmide (gerentes com menor propensão marginal a consumir), o efeito expansivo sobre a demanda agregada é reduzido, aproximando a economia de um comportamento *profit-led*, ainda que a parcela salarial agregada esteja subindo. No contexto latino-americano, há evidências teóricas de que essa dispersão é acentuada por uma elite gerencial cujos padrões de vida e consumo tendem a mimetizar o comportamento suntuário das economias centrais.

Conforme postula Furtado (1974), a modernização na periferia é frequentemente caracterizada pelo transplante de padrões de consumo sofisticados das economias desenvolvidas para as elites locais, sem que haja a contrapartida de um desenvolvimento autônomo das forças produtivas. Esse mimetismo, além de aprofundar a dependência cultural, possui uma dimensão econômica crítica: ao direcionar a renda do topo da massa salarial para o consumo de bens de luxo frequentemente com alto coeficiente de importação, a elite gerencial promove um "vazamento" de demanda que não estimula o mercado interno.

Portanto, para Palley (2017), a desigualdade interna aos salários pode ser tão prejudicial à demanda efetiva quanto a desigualdade funcional entre capital e trabalho. Nas economias periféricas, esse fenômeno é potencializado pela estrutura de renda concentrada, onde a parcela da massa salarial apropriada pelos "administradores" acaba por reduzir o multiplicador kaleckiano global. A hipótese de que o crescimento possa ser liderado pelos salários (*wage-led*) torna-se, assim, mais difícil de se concretizar quando a redistribuição favorece estratos que não possuem uma alta propensão a consumir bens produzidos internamente, reforçando a armadilha do subdesenvolvimento.

3.2. A Divisão Racial do Trabalho

A originalidade desta proposta reside em sobrepor à dispersão técnica de Palley (2017) a categoria de "Divisão Racial do Trabalho" formulada por Gonzalez (1982). Diferente das análises que tratam raça e gênero como variáveis meramente sociológicas, Gonzalez demonstra que esses elementos são eixos organizadores do sistema econômico periférico. No contexto latino-americano, a massa salarial é constituída por um "lugar social" pré-determinado pelo racismo e pelo sexismo estruturais, que operam como filtros de alocação de mão de obra.

Conforme Gonzalez (1984), a população negra e, de modo mais agudo, a mulher negra, é mantida na base da pirâmide produtiva não por um atraso educacional fortuito, mas por uma necessidade funcional do regime de acumulação em dispor de uma mão de obra superexplorada. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023) corroboram essa estrutura: enquanto a taxa de informalidade média no Brasil situa-se em torno de 39%, para as mulheres negras esse índice frequentemente ultrapassa os 45%. Além disso, o rendimento médio mensal das mulheres negras é, em média, inferior a 50% do rendimento dos homens brancos, mesmo em estratos de mesma escolaridade (IBGE, 2023). Essa disparidade evidencia que a "base produtiva" descrita por Palley (2017) possui cor e gênero definidos.

Esta base racializada sustenta o custo de vida das classes médias e altas e garante a rentabilidade de setores de baixa produtividade. O respaldo para tal afirmação reside no conceito de "externalização de custos": a manutenção de serviços pessoais, domésticos e de cuidados a preços aviltados, realizados majoritariamente por mulheres negras, permite que os estratos de alta renda (a elite gerencial de Palley) mantenham um padrão de consumo suntuário com uma parcela menor de seus rendimentos comprometida com a reprodução da vida. Como aponta a CEPAL (2022), o trabalho não remunerado ou mal remunerado de cuidados é o "amortecedor" que permite a flexibilidade dos custos laborais no setor moderno.

Ao integrar Gonzalez (2020) ao modelo de regimes de crescimento, percebe-se que a remuneração da base é mantida sistematicamente deprimida para viabilizar a acumulação rentista e gerencial do topo. A superexploração da mulher negra não é apenas uma injustiça social, mas um subsídio implícito que garante a taxa de lucro em setores que, de outra forma, seriam economicamente inviáveis dada a sua baixa produtividade. Assim, o racismo estrutural funciona como um mecanismo de transferência de valor da base racializada para o topo gerencial, estabilizando o regime de baixo dinamismo tecnológico.

3.3. A Funcionalidade do Subdesenvolvimento e o Bloqueio do Regime *Wage-led*

Ao articular Palley (2017) e Gonzalez (2020), emerge a tese da Natureza Dual da Desigualdade. Nesta perspectiva, o subdesenvolvimento não é a ausência de crescimento, mas uma configuração específica onde a desigualdade interseccional estabiliza um equilíbrio de baixo dinamismo:

- **Bloqueio da Demanda:** Como a parcela salarial é fragmentada, os aumentos de renda capturados pela elite branca gerencial não se traduzem em consumo de massa, enquanto a base (majoritariamente negra e feminina) permanece sob o regime de superexploração, impedindo que o mercado interno ganhe a escala necessária para sustentar um regime *wage-led*.
- **Desestímulo ao Progresso Técnico:** A disponibilidade de uma força de trabalho racializada, cujo salário é mantido abaixo do seu valor de reprodução (superexploração), desestimula o empresariado a realizar investimentos em capital fixo. A rentabilidade garantida pelo aviltamento salarial substitui o incentivo à inovação, perpetuando a competitividade espúria descrita por Fajnzylber (1990).

Dessa forma, a integração teórica proposta revela que a desigualdade interseccional atua como um estabilizador macroeconômico de um modelo de crescimento excludente. A compreensão dessa dualidade é o que permite avançar para a proposta de uma modelagem híbrida que considere a raça e o gênero como variáveis endógenas à dinâmica do capital na periferia.

4. PROPOSTA DE INTEGRAÇÃO ANALÍTICA: O MODELO DE CRESCIMENTO INTERSECCIONAL

A construção de um modelo híbrido que incorpore a natureza dual da desigualdade demanda a (re)especificação das funções componentes da demanda agregada. Nesta seção, propõe-se uma estrutura onde a massa salarial é decomposta analiticamente, permitindo observar como a clivagem racial e de gênero, categorias centrais na obra de Lélia Gonzalez, altera os parâmetros de sensibilidade do regime de crescimento.

4.1. Reespecificação da Função Consumo sob a Fragmentação Salarial

No modelo kaleckiano padrão, o consumo agregado (C) é determinado pelas propensões a consumir a partir dos salários (C_w) e dos lucros (C_p). Ao introduzir a perspectiva de Palley (2017) sobre a distribuição interna de salários, a massa salarial total (W) deixa de ser tratada como um agregado homogêneo e passa a ser definida pela soma dos salários da elite gerencial (W_g) e dos salários da base produtiva (W_b).

No contexto latino-americano, essa distinção ganha contornos interseccionais. A base produtiva (W_b) é majoritariamente composta por mulheres e indivíduos negros, submetidos a regimes de informalidade e baixas remunerações. Como a propensão a consumir desse grupo (C_{wb}) é próxima da unidade devido à restrição orçamentária de subsistência, qualquer variação negativa em sua renda impacta severamente a demanda interna. Por outro lado, a elite gerencial (W_g), majoritariamente branca e masculina, possui uma propensão a consumir (C_{wg}) significativamente menor, aproximando seu comportamento ao da classe capitalista.

Portanto, um regime que promova o aumento da parcela salarial concentrado no topo da pirâmide terá um efeito multiplicador reduzido. A integração de Gonzalez (2020) permite afirmar que o racismo estrutural opera como um mecanismo de "vazamento" de demanda potencial: ao manter a base racializada em níveis de renda mínimos, a economia bloqueia a transição para um regime *wage-led* dinâmico.

4.2. A Função Investimento e a Armadilha da Especialização Espúria

A função investimento (I) no modelo Bhaduri-Marglin responde à taxa de utilização da capacidade (u) e à parcela de lucros (π). A proposta híbrida aqui apresentada sugere que, na periferia, a sensibilidade do investimento ao lucro é mediada pela disponibilidade de trabalho barato.

A tese da superexploração do trabalho, articulada à visão de Gonzalez (2020) sobre a funcionalidade da divisão racial do trabalho, indica que a rentabilidade das empresas latino-americanas é frequentemente garantida pela compressão salarial extrema da base subalternizada. Isso gera uma desidratação do incentivo à inovação tecnológica (progresso técnico endógeno). Se o custo do trabalho de mulheres negras é mantido artificialmente baixo por barreiras estruturais e racismo, o capitalista não encontra estímulo econômico para investir em bens de capital que aumentem a produtividade.

Dessa forma, o modelo híbrido revela uma contradição: o que parece ser um regime *profit-led* (onde o lucro sustenta a acumulação) é, na verdade, um regime de "lucro por compressão", que não gera crescimento de longo prazo, mas sim uma trajetória de especialização produtiva em setores de baixo valor agregado e alta exploração laboral.

4.3. Síntese do Regime Interseccional na América Latina

A integração teórica proposta resulta na identificação de um Regime de Crescimento Interseccional Dual. Neste sistema, a dinâmica macroeconômica é ditada pela interação entre:

- Um setor de alta renda (elite gerencial/financeira) cujo consumo é suntuário e com alto coeficiente de importação;
- Um setor produtivo que depende da compressão salarial da base racializada para manter margens de lucro;
- Uma barreira estrutural ao consumo de massa, dado que a maior parte da população (negra e feminina) está excluída dos ganhos de produtividade.

Diferente dos modelos aplicados a economias centrais, onde a disputa é entre salários e lucros, na periferia a disputa é triádica: entre lucros, salários de elite e salários de subsistência. A manutenção desta dualidade é o que define o subdesenvolvimento contemporâneo, onde o racismo e o sexismo não são apenas "exclusões sociais", mas sim os pilares que sustentam a viabilidade financeira de um regime de acumulação de baixo dinamismo tecnológico.

5. DINÂMICA MACROECONÔMICA E DESIGUALDADE ESTRUTURAL NA AMÉRICA LATINA

A aplicação do modelo híbrido de crescimento interseccional à realidade latino-americana exige uma análise pormenorizada das transformações estruturais ocorridas nas últimas três décadas. O período que compreende a agenda neoliberal e de abertura comercial na América Latina, o *boom* das *commodities* e a subsequente estagnação, revela como a desigualdade de raça e gênero não apenas persistiu, mas se consolidou como um elemento de ajuste macroeconômico.

5.1. A Armadilha da Especialização e a Competitividade Espúria

A trajetória das economias latino-americanas desde a década de 1990 é marcada pelo que Fajnzylber (1990) denominou "competitividade espúria". Diferente da competitividade autêntica, baseada no progresso técnico e no aumento da produtividade sistêmica, a variante espúria sustenta-se na depreciação cambial e na compressão dos custos laborais.

Sob a ótica do modelo de Bhaduri-Marglin, esse cenário inclina a região para regimes *profit-led* de baixa qualidade. Ao analisarmos a composição da força de trabalho, observa-se que o "ajuste" de custos ocorre prioritariamente sobre os estratos de baixa qualificação e informalidade, onde a presença de mulheres negras é desproporcional. A natureza dual da desigualdade, portanto, permite que o setor exportador de bens primários mantenha margens de lucro elevadas sem a necessidade de investimentos em inovação, uma vez que o baixo custo de reprodução da força de trabalho racializada atua como um subsídio implícito à rentabilidade do capital.

5.2. A Restrição Externa e o Teto do Crescimento *Wage-led*

Um dos maiores desafios para a implementação de um regime liderado por salários na América Latina é a restrição de Balanço de Pagamentos, conforme formulado por Thirlwall (1979). A estrutura produtiva heterogênea e dependente implica que qualquer aumento na renda da base da pirâmide (que possui alta propensão a consumir) traduz-se em um aumento imediato das importações de bens essenciais e de baixo valor agregado, pressionando as reservas internacionais.

Neste ponto, a integração com a perspectiva de Gonzalez (2020) e Palley (2017) torna-se crucial. A fragmentação salarial cria uma "fuga de demanda": enquanto a base luta contra a erosão do poder de compra, a elite gerencial e financeira (W_g) mimetiza padrões de consumo de países centrais. Esse consumo suntuário do topo da pirâmide, aliado à remessa de lucros e à evasão de divisas, agrava a restrição externa muito antes que um regime *wage-led* possa se consolidar. Assim, a desigualdade interseccional não é apenas um entrave social, mas o mecanismo que precipita crises cambiais ao concentrar a renda em setores com baixa propensão a investir no mercado interno.

5.3. Financeirização e a Dissociação entre Lucro e Investimento

A partir dos anos 2000, observa-se uma crescente financeirização das elites latino-americanas. No modelo kaleckiano tradicional, assume-se que o lucro (π) é o motor do investimento (I). Contudo, o caráter híbrido da nossa proposta demonstra que, na periferia, o lucro e os altos salários da elite branca frequentemente não retornam ao circuito produtivo. Eles são desviados para o rentismo financeiro e ativos imobiliários.

Essa dissociação invalida a eficácia de um regime *profit-led* clássico. Mesmo com a compressão salarial da base racializada garantindo margens de lucro, o investimento produtivo permanece letárgico. A "natureza dual" manifesta-se aqui como uma economia de dois andares: um andar financeirizado e globalizado para a elite, e um andar de subsistência e informalidade para a massa amefricana e ameríndia. O resultado é um equilíbrio de baixo crescimento com alta

desigualdade, onde a estrutura macroeconômica é desenhada para proteger o valor da riqueza financeira em detrimento da expansão da demanda agregada.

5.4. O Papel da Informalidade como Amortecedor do Regime de Acumulação

A informalidade não deve ser vista como um setor à parte, mas como uma engrenagem vital do regime de crescimento periférico. Durante as crises de demanda, o setor informal, majoritariamente feminino e negro, absorve o excedente de mão de obra descartado pelo setor moderno, reduzindo o poder de barganha coletivo e permitindo que os salários reais caiam sem resistência organizada.

Essa funcionalidade do subdesenvolvimento permite que a economia latino-americana opere em ciclos de "stop-and-go". A desigualdade interseccional garante a flexibilidade necessária para que o capital recupere sua parcela na renda através da precarização, bloqueando qualquer tentativa de pacto distributivo de longo prazo que pudesse fundamentar um regime estável de crescimento liderado por salários.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS E IMPLICAÇÕES PARA UMA POLÍTICA ECONÓMICA INTERSECCIONAL

A análise desenvolvida ao longo deste artigo demonstra que a aplicação dos modelos neo-kaleckianos à América Latina exige mais do que uma simples calibração de parâmetros; requer uma revisão da própria ontologia do "trabalho" e do "salário" na periferia. A hipótese da natureza dual da desigualdade, fundamentada na integração entre Palley (2017) e Gonzalez (2020), revela que o subdesenvolvimento regional é sustentado por uma fragmentação salarial que cumpre uma função macroeconômica específica: a preservação de margens de lucro via compressão da base racializada.

6.1. O Egotismo da Elite e o Bloqueio do Crescimento

Conclui-se que a estrutura social latino-americana impõe um teto ao regime *wage-led*. Enquanto a massa salarial for atravessada por uma divisão racial que relega mulheres negras à informalidade e à subsistência, os ganhos de rendimento no topo (elite branca gerencial) não gerarão o dinamismo de demanda necessário para induzir o investimento produtivo. Pelo contrário, a financeirização dessa elite e o seu padrão de consumo importado agravam a restrição externa, tornando os ciclos de crescimento curtos e dependentes da exportação de bens primários.

6.2. Para além da Redistribuição Funcional

A principal implicação da política econômica deste trabalho é que a redução da desigualdade "entre capital e trabalho" é insuficiente se não for acompanhada por uma política de convergência salarial interna. Uma estratégia de desenvolvimento para a região deve:

- Elevar o Piso Interseccional: Políticas de valorização do salário mínimo e formalização do trabalho doméstico e de cuidados (setores com alta densidade de mulheres negras) são, em si mesmas, políticas macroeconômicas de expansão de regime.
- Taxação do Rentismo Gerencial: A redução da dispersão salarial no topo (os "administradores" de Palley) é essencial para reduzir o vazamento de procura e a pressão sobre o balanço de pagamentos.
- Progresso Técnico Orientado: O incentivo à inovação deve ser desenhado para quebrar a dependência da "mão de obra barata", forçando o capital a procurar rentabilidade via produtividade e não via superexploração.

Em suma, a hibridização teórica proposta na Área 9.5 do ENEI sugere que o combate ao racismo e ao sexismo estruturais não é uma pauta identitária externa à economia, mas a condição *sine qua non* para que a América Latina escape da armadilha do baixo crescimento e da competitividade espúria. O modelo aqui apresentado oferece um ponto de partida para que futuras pesquisas empíricas possam quantificar como a disparidade salarial de raça e gênero atua como um travão ao multiplicador kaleckiano na periferia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHADURI, A.; MARGLIN, S. **Unemployment and the real wage: the economic basis for contesting political ideologies**. Cambridge Journal of Economics, v. 14, n. 4, p. 375-393, 1990.

CEPAL – COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA E O CARIBE. *Panorama Social da América Latina e do Caribe 2022: a transformação da educação como base do desenvolvimento sustentável*. Santiago: Nações Unidas, 2022. Disponível em: <https://www.cepal.org/pt-br/publicacoes/48519-panorama-social-america-latina-caribe-2022-transformacao-educacao-como-base>. Acesso em: 18 maio 2024.

FAJNZYLBER, F. **Industrialización en América Latina: de la "caja negra" al "casillero vacío": comparación de patrones de especialización industrial**. Santiago: CEPAL, 1990.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afrolatinoamericano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. (Estudos e Pesquisas: Informação Demográfica e Socioeconômica, n. 41). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 18 maio 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua): indicadores de rendimento e mercado de trabalho 2022-2023*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

LAVOIE, M. **Post-Keynesian Economics: New Foundations**. 2. ed. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 2017.

PALLEY, T. I. **The theory of internal wage distributions: basic structure as an interaction of efficiency, productivity, and power**. Review of Political Economy, v. 26, n. 4, p. 553-571, 2014.

PALLEY, T. I. **Wage- vs. profit-led growth: the role of the distribution of wages in determining regime character**. Cambridge Journal of Economics, v. 41, n. 1, p. 49-61, 2017.

PREBISCH, R. **O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus principais problemas**. Santiago: CEPAL, 1949.

THIRLWALL, A. P. **The Balance of Payments Constraint as an Explanation of the International Growth Rate Differences**. Banca Nazionale del Lavoro Quarterly Review, v. 32, n. 128, p. 45-53, 1979.